J. BERNARDINO AMÂNDIO

Finalista do Curso de Ciências Hist. e Filosóficas
da Univ. de Coimbra

★

LAGOA NEGRA

SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA

//

COIMBRA
* 1956 *

BARCELOS
469.12)

Ao distinto jornalista
Senhor tenente Francisco Cardoso e Lima
com a minha estima,
Cordialmente

José Amândio
4-3-56

LAGOA NEGRA

(SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA)

Recebido em
5-30-956
Francisco Cardoso e Lima

4-3-56

José B. Amândio
DIRECTOR DE «O CÁVADO»

cumprimenta e pede desculpa da demora, motivada pela ausência em

Esposende

TELEFONE 89232.

Este livro foi composto e impresso
na Tipografia Cávado — Esposende

J. BERNARDINO AMÂNDIO

(Finalista do Curso de Ciências Hist. e Filosóficas
da Univ. de Coimbra)

★

LAGOA NEGRA

SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA

//

COIMBRA
* 1956 *

Barcelíana
C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 35070

Introdução

O modesto trabalho que apresento, não vem solucionar problemas. Apenas descreve e aventa hipóteses.

Terei atingido o meu objectivo se conseguir criar alguns problemas, ao lado de muitos que fervilham por este Minho, tão cheio de misteriosas lendas, de mitos — fantasiosas histórias que se narram através de gerações.

Transcrevo o que li e tentarei descrever o que vi, relacionado com esta região da Lagoa Negra.

Todo o norte do país esconde àvaramente uma história grandiosa do esforço humano, escrita através de gerações sepultadas pelos séculos.

Falham documentos?

A história não se faz só de documentos. Na face da terra está escrita uma verdadeira epopeia da acção humana, tantas vezes heróica, tantas vezes dramática, com caracteres iniludíveis que podem dar base a um novo conceito de história.

Num estudo honesto, consciencioso, científico, pode

ler-se nessa mesma terra, sem perigo de más traduções ou erros dos escribas, aquilo que foi escrito para a eternidade.

Onde param os documentos, começa muitas vezes a investigação arqueológica.

O norte do país, a marginar o Atlântico, é um vasto manancial de documentos do passado, gravados com maior ou menor evidência, no solo.

Entre Cávado-e-Neiva — uns escassos 10 quilómetros — encontro o monte do Crasto, onde deparo com restos de muralhas; o monte da Cividade, onde se podem ver residências circulares do tipo castrejo defendidas por duas muralhas; a Agra d'Antas onde apareceram vários esqueletos com utensílios de barro; (1) *o Castro de S. Lourenço, o Monte do Faro, Crastinho, Castelinho, etc.* (2)

---

(1) Encontram-se no Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

(2) In *Monografia de S. Bartolomeu do Mar* — Cónego Martins Cepa.

Ao sul do Cávado depara-se-me, possívelmente, uma póvoa marítima a cerca de meio quilómetro do mar — entre a Apúlia e Estela — com residências do tipo circular, muitas mós manuais, uma coluna rústica, pesos de redes, tégulas, etc.

Aqui pretendem localizar a antiga Vila Menendi.

Não mui distante desta povoação, para o interior e ligada por uma linha de água, vou encontrar a tão conhecida Lagoa Negra, com características evidentes de antiga exploração mineral e hoje envolta nas mais imaginosas lendas.

É como subsídio e incentivo para um mais completo estudo da Lagoa Negra, que aqui deixo expressas estas ligeiras notas, contando com a tradicional benevolência do leitor.

J. B. A.

I

Lagoa Negra

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A Lagoa Negra está situada no lugar do mesmo nome, pertencente à freguesia de Barqueiros, do concelho de Barcelos. É uma freguesia limítrofe com a freguesia de Laundos, do concelho da Póvoa de Varzim.

O lugar da Lagoa Negra fica situado, precisamente, no limite do concelho de Barcelos e da Póvoa de Varzim. Deste lugar se avista ainda a freguesia de Apúlia, do concelho de Esposende, que fica muito próxima.

A Lagoa Negra dista, conforme a carta do Instituto Geográfico e Cadastral, 4,25 quilómetros do mar com o qual está ligado por uma linha de água.

A estrada nacional Barcelos-Póvoa de Varzim, passa a cerca de duzentos metros da Lagoa Negra, sendo relativamente fácil o acesso por caminho vicinal.

A oeste e mais distante — cerca de um quilómetro e meio — passa a estrada nacional Esposende-Póvoa, sendo mais difícil o acesso pelo caminho vicinal que liga a lagoa a esta via.

O Rio Cávado, ao norte, não lhe passa longe, pois dista até aos cais do Marachão 4,5 quilómetros. (1)

A Lagoa Negra está situada numa zona rica de tradições históricas e lendárias: o Castelo de Faria, a tão conhecida Villa de Rates, o Couto da Pulha (Apúlia), a Villa Menendis.

Por aqui andariam as frotas Ofirinas, nas descrições lendárias que avultam em escritos fantasiosos, ou na tradição que vem sendo legada de séculos em séculos.

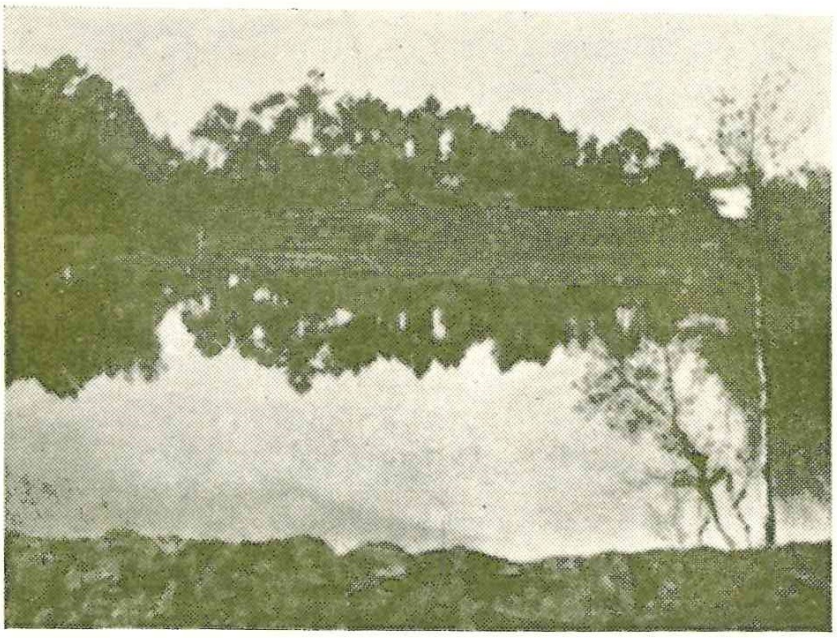
Do monte de Laundos pode avistar-se toda esta região.

---

(1) Conf. Carta do Instituto Geográfico e Cadastral.

LAGOA NEGRA

Gravura I



À esquerda e ao fundo, grandes depósitos de detritos — únicos obstáculos na continuação da planície.

II

O que nos diz o passado

«Todo o Noroeste peninsular ibérico foi efectivamente teatro de uma já muito antiga e muito importante exploração mineira que remonta aos tempos prè-históricos, exploração em que o estanho e o ouro tiveram o lugar primacial.» (1)

PROF. DR. AMORIM GIRÃO

SOBEJAM as narrações de escritores latinos relativas à exploração mineira, no vasto mundo romano. A Península Ibérica foi teatro e testemunho duma acção grandiosa do homem, no sentido de extraír do solo o tão cobiçado metal — o ouro — a par de outros metais de menor valia, mas não menor utilidade.

Com as múltiplas informações escritas surgem, a atestar a veracidade dessa poderosa acção humana, sinais evidentes do que teria sido essa tremenda luta do homem com o meio geográfico, perfurando a terra, abrindo galerias e acumulando detritos que de há milénios alteram a fisionomia da paisagem e são garantia dessa extraordinária actividade que foi a da extracção mineral.

Consequência desta actividade, são ainda as múltiplas vias que facilitavam o transporte dos produtos extraídos da terra, a criação de núcleos populacionais, as habitações, etc.

---

(1) *In* «Acção do Homem e Morfologia do Solo».

A Península Ibérica, teve, na vasta difusão romana, um primacial papel.

Os estudos e investigações pacientes a que, com tão superior critério se vem dedicando, o Sr. Prof. Doutor Amorim Girão, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, permitem já, com segurança, fazer uma análise comparativa, e tirar conclusões àcerca da actividade da extracção mineira nos mais remotos tempos.

A introdução deste capítulo manifesta claramente o seu douto parecer, relativo à exploração mineira, no Noroeste peninsular.

E tento-me, para melhor fundamentação do que pretendo expôr, transcrever ainda de um seu recente trabalho, a «Acção do Homem e Morfologia do Solo», mais um período que caracteriza os fins que nortearam a conquista da Península pelos povos de Roma:

> «*Os Romanos, particularmente, levados pela cobiça do* **vil metal** — *a conquista da Lusitânia teria sido mesmo determinada, na opinião de Schulten, pela* **auri sacra fames** — *desenvolveram nesta região da Ibéria, já considerada como o* **El-Dorado** *do mundo antigo, uma actividade prodigiosa, que deixou em muitas regiões profundo sulco, às vezes desfigurado e até mesmo oculto pela erosão, mas que se torna indispensável considerar para a conveniente interpretação da morfologia do solo.*»

O gigantesco esforço das legiões de Roma, através desses nervos poderosos do império, representado pelas famosas vias, talhou o noroeste da Ibéria profundamente, perpetuando para sempre a sua quase inverosímil acção.

Se Plínio, na sua *Historia Naturalis*, nos descreve a exploração do ouro na Hispânia *em páginas dramáticas*, como nos revela o Prof. Doutor Amorim Girão, a descrição dos Itinerários Romanos por Antonino Pio, também impressionam pela sua amplitude, pela sua penetração e profundo conhecimento das regiões do noroeste

peninsular, trazendo Roma a todos os recantos do Império, ou levando o Império até ao coração poderoso da brilhante civilização do Lácio.

Como foco de irradiação no futuro Minho, a Braccara Augusta ocupava primacial relevo. Dali partiam as cinco vias principais, como nos informa o famoso Itinerário de Antonino: três a caminho de Astorga, por Ponte do Lima a Tui, Gerês e Aquas Flavias (Chaves), respectivamente, uma por Calle (Gaia) para Lisboa, e outra, a quinta, *per ora marítima*, através de Aquas Celenias, Grandimiro, até Astorga.

Exceptuando a via marítima, de todas as outras há evidentes sinais com o aparecimento de marcos miliários e troços de estrada ainda em perfeito estado de conservação, pontes, etc., mercê do resistente material que lhes fornecia a região — o granito.

A via marítima por Aquas Celenias, constitue um complexo problema a tratar num estudo que em breve farei.

O problema da sua localização, permanece tal como o deixou o erudito Padre D. Jerónimo Contador de Argote, *in* «Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga», publicadas em 1734.

A cidade de Aquas Celenias *estaria assentada na foz do rio Celano* (Cávado). Só assim se justifica a sua distância de cento e sessenta e cinco estádios de Braga, como nos indica Antonino Pio. (1)

E a solução deste problema, com a possível localização de Aquas Celenias na foz do Celano (Cávado), traria uma prova muito poderosa para o estudo da amplitude que teriam as actividades mineiras nesta região localizada do noroeste da Península.

A bacia hidrográfica do Cávado, que incluía a Braccara Augusta, foi teatro de múltiplas actividades das legiões de Roma. Por Aquas Celenias se movimentavam as milícias de Roma e deste

---

(1) 32 estádios equivalem aproximadamente a uma légua. Assim, 165 estádios, *per ora maritima*, equivalem a 5 léguas, distância a que se encontra de Braga a foz do Cávado.

porto eram exportados os metais obtidos nas minas próximas.

Recebida esta informação de D. Jerónimo Contador de Argote, como mera hipótese e portanto com as reservas que se impõem a um estudo mais eficiente através de provas convincentes, com igual reserva registo a informação de outro erudito dos fins do séc. XVII, o P.e António de Carvalho da Costa, dada na sua obra «Corografia Portuguesa».

Referindo-se ao Couto da Pulha (Apúlia) quase limítrofe da Lagoa Negra e ligado a esta por uma linha de água, afirma:

> «*Entre as terras de Barcelos está o Couto da Pulha, nome que, entendemos, lhe puseram os Romanos, quando habitaram esta terra em memória da sua Apúlia.*»

Salienta ao descrever a Apúlia um facto que para este estudo não posso deixar de referir:

> «*Por aqui vão vestígios de uma vala, que dizem era um esteiro, em que entrava o mar, pelo qual se conduzia em barcos aos navios, o ouro que das minas da terra se tirava.*»

Na referência à antiga Villa de Rates, situada para sueste da Lagoa Negra, mas ainda relativamente próxima desta, diz-nos o P.e Carvalho:

> «*Uma légua de Barcelos para o sul e sete de Ponte do Lima, tem assento a vila de Rates, povoação antiga.*»

. . . . . .

> «*Querem alguns que ali chegassem do mar as embarcações naqueles tempos das frotas Ofirinas, ao menos as pequenas, que navegavam por um esteiro, de que se vêm vestígios, vindo da Pulha, e que este nome tomou dos navios, que isso quer dizer em latim Rates.*»

O Padre D. Jerónimo Contador de Argote, baseado em informações, documentos e particularmente no Itinerário Antonino, pretende apontar esta região como famosa pelas actividades dos invasores romanos. Por sua vez, o Padre António da Costa, embebido em tradições e informações colhidas na suas múltiplas investigações, salienta na região do Couto da Pulha e Villa de Rates, a existência de *um esteiro navegável de que se vêem ainda vestígios.* (V. gravura I).

O lugar da Lagoa Negra está ligado à Apúlia, como disse, por uma linha de água (1) que vai desaguar, por larga embocadura, no Atlântico.

Na Apúlia, ainda há algumas dezenas de anos, surgiu no extremo norte do Rio Alto, o cavername de um barco. (2)

Foi lamentável que não tivesse sido feito o seu estudo, mas creio que ainda vivem testemunhas desta notável descoberta, provocada pela erosão.

Ainda dentro deste campo de hipóteses, que parecem relacionar-se com as tradições que revela o Padre Carvalho, não deixarei de mencionar a existência de outra linha de água que, em oposição à que parte da Lagoa Negra para o mar, através da Apúlia, desta mesma lagoa segue para sueste em direcção à povoação de Rates. (V. gravura II).

Do que ficou dito, nesta digressão através de hipóteses, tradições e lendas, há, pois, uma certeza que nos é dada pelas aturadas investigações do Prof. Doutor Amorim Girão e que fica inabalável, provada pelos documentos e pelo aparecimento de monumentos: é que *os Romanos desenvolveram nesta região da Ibéria, uma actividade prodigiosa, que deixou em muitas regiões profundo sulco.*

A Arqueologia moderna, com as suas inesgotáveis possibilidades, tem aberto novos horizontes.

---

(1) É conhecida na Apúlia, pelo rio dos Pousados.

(2) «Vila Menendiz» — Artigo do Escritor Manuel de Boaventura, *in* jornal *O Cávado*, n.º 1.818, de 11/12/955.

Os vestígios das explorações mineiras da Serra de Santa Justa, com as suas galerias subterrâneas: Escádia Grande (Serra da Lousã); Furados de Pombeiro da Beira (Arganil), Trás-os-Montes, etc., multiplicam-se como afirmação da luta que o homem travou com os elementos, em busca de materiais necessários à sua própria existência.

Quer a Lagoa Negra tenha o seu lugar nas narrações de Plínio, como remota extracção mineira dos povos do Lácio, quer desempenhe papel de relevo nas hipóteses por vezes lendárias do Contador de Argote ou do Padre Carvalho, parece-me que ficam bem claras, após minuciosa análise ao local, estas verdades que não podem refutar-se:

I — A Lagoa Negra é uma modificação da superfície do solo, pela acção do homem;

II — A Lagoa Negra apresenta características evidentes de ter sido utilizada para extracção mineral.

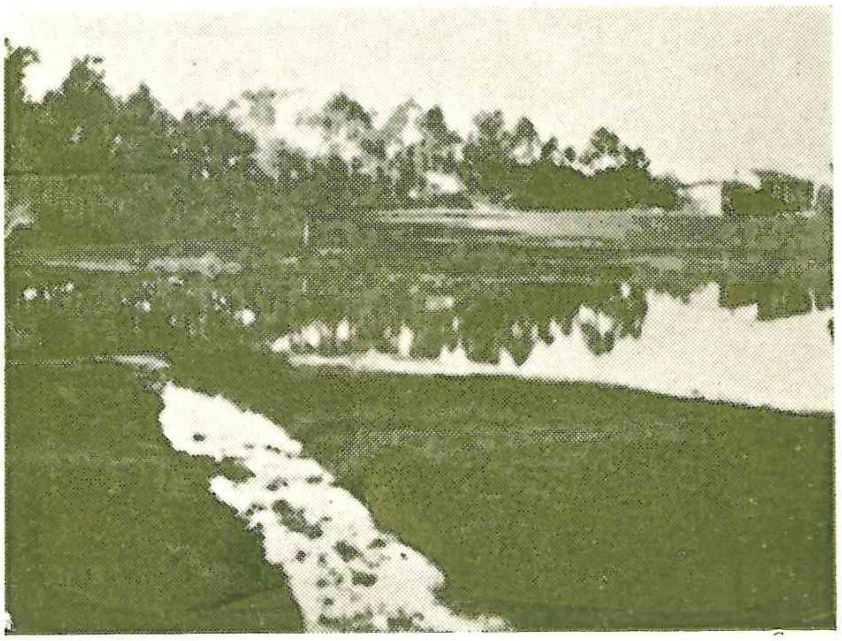
Estas conclusões, a que fàcilmente se é levado numa prospecção ao local, implicam outros problemas que importa resolver, pela Arqueologia, já que carecem documentos para uma determinação da cronologia, materiais cobiçados e origem do povo que extraiu e utilizou os minerais.

Com estas certezas que me parecem indubitáveis, compete, pois, à Arqueologia científica, investigar, ler nessa grandiosa página de acção do homem, a verdadeira história que ela encerra, trazendo mais um valioso subsídio no esclarecimento destas verdades que ainda permanecem envoltas na pesada bruma dos séculos:

I — Em que época foi utilizada, como mina, a Lagoa Negra?
II — Qual o mineral ou minerais cobiçados?
III — Qual o povo que a utilizou?

LAGOA NEGRA

Gravura II



No 1.º plano, uma linha de água. Na margem oposta, tem origem o riacho, que através de Apúlia segue para o mar. Ao fundo, a acumulação de detritos.

III

A Lagoa Negra

QUEM, pela primeira vez, depara com a Lagoa Negra, rodeada de frondoso arvoredo, que reflete nas suas águas misteriosamente escuras e brilhantes, os seus ramos recortados a capricho, esquece-se em cogitações edénicas, ante a profunda e paradisíaca beleza do local.

Dir-se-ia que os nenúfares bailavam mansamente como as sílfides e nereides que estontearam Ulisses, escondendo àvaramente o porto da salvação.

Não lhe falta, no cimo de um montado de detritos, o moínho de vento, e a ladear a lagoa, a bucólica azenha, com o seu fio de água a caír suavemente. Duas linhas de água, uma que chega e outra que parte, parecem trazer os segredos de avoengos antepassados, sepultos na Terra Lusitana para os levar pelo Oceano ao omnipotente Lácio dos Césares e dos Augustos.

O conjunto é maravilhoso e toca-nos no que temos de sentimental.

Ante o quadro que se depara, esquecemo-nos de perguntar

pelo artista que penetrou no seio da terra, removeu detritos e alterou a fisionomia da paisagem.

Esquecemo-nos do contributo do homem nessa geografia.

Quase somos tentados a perguntar pelos pintores da nossa terra, para que reproduzam aqueles tons com tanto de mistério e de harmonia. Quase somos tentados a apelar para os poetas, para que cantem o bailado dos nenúfares e o reflexo do arvoredo nas águas negras dessa Lagoa adormecida há tantos séculos.

Mas a missão era diferente.

O acesso mais fácil à Lagoa Negra é feito pela estrada nacional, Barcelos-Póvoa de Varzim. Um caminho vicinal, quase no limite da freguesia de Barqueiros, com Laundos, permite aproximar da Lagoa, que fica a cerca de duzentos metros.

A Lagoa Negra, com cerca de 4.000 m 2 de superfície, tem a forma de uma elipse imperfeita, com cerca de 80 metros de comprimento e 50 de largura.

A sua superfície é, contudo, variável, conforme a época do ano. Nunca seca, conservando no verão cerca de 7 metros de profundidade. (1)

Em tempos recuados, a profundidade era maior, o que é absolutamente lógico, pois ao longo dos séculos, a sedimentação, ainda que lenta, deve ter acumulado no fundo muitos detritos.

Ainda, além das águas pluviais, ali vai desaguar um riacho, um fontenário, e é escoada a água que movimenta a azenha. O excedente de água que comporta a Lagoa alimenta o rio que segue para o mar.

São duas, pois, as principais linhas de água que ligam a lagoa respectivamente ao interior e ao mar. Uma ali desagua vinda dos lados de Laundos; outra, na lagoa tem a sua origem e, encami-

---

(1) O proprietário informou que a lagoa mede actualmente de profundidade 4 braças.

nhando-se pelo lugar de Criás, vai desaguar no Oceano, na Apúlia.

Ao redor da Lagoa Negra é grande a quantidade de montículos, com detritos que evidenciam terem sido extraídos da mina e ali colocados abruptamente (v. gravura IV).

Numa extensão que dificilmente se pode avaliar e num volume quase impossível de determinar, estendem-se os variados materiais, constituindo resíduos que não ofereciam interesse aos exploradores, apesar de alguns ainda hoje serem utilizados, como o antimónio, que aparece em grandes quantidades.

De todos os montículos, aquele que nos impressiona pela sua extensão e volume, é o que fica situado ao norte da Lagoa (v. gravura IV). Deverá ter cerca de 100 metros de comprimento, 60 de largura e 6 de altura.

Daqui—a quando da euforia da extracção de volfrâmio, na última guerra—se extraíram 500 quilos de antimónio, num ligeiro remover de detritos. (1)

Uma análise a esses materiais tão desordenadamente acumulados, demonstra claramente a abundância de antimónio, de blocos de quartzo, de xisto em grande parte friável e com sinais acentuados de óxido de ferro (v. gravura V). Pelo menos, é uma demonstração evidente de que aos exploradores das minas não interessava o antimónio.

No local, a ausência de granito é manifesta.

De permeio com os montículos de materiais surgem poços mais ou menos profundos, mas em grande parte entulhados. Segundo informação obtida no local, era tradição que estes poços estavam ligados através de galerias, com a Lagoa.

Uma galeria foi descoberta ao abrir um poço situado a nascente da Lagoa. Deste facto certifiquei-me, pois é visível parte da entrada dessa galeria, situada um pouco acima do nível da água do poço. No local do fontenário há abatimentos de terras, que parecem provenientes de galerias subterrâneas.

---

(1) Informação do actual proprietário.

Outra informação que registo com reserva, é a de que em tempo claro e de águas transparentes, se torna visível uma escada de acesso ao fundo da Lagoa.

Os muros que limitam a Lagoa pelo sul e poente, são construídos com materiais de detritos que se espalham profusamente.

Os terrenos lodosos situados entre estes muros ou detritos e as margens da Lagoa, parecem demonstrar que esta, em tempos remotos, teve maior amplitude, e só assim se explica a grande quantidade de materiais acumulados naquela área.

A sedimentação terá, pois, diminuído a superfície, como diminuiu a profundidade.

LENDAS POPULARES

Não deixo de registar três das lendas que circulam e me foram narradas no local, referindo-se uma à origem do nome, outra à causa que determina a impossibilidade de esgotar a água, para pesquizar o fundo e a terceira, quanto à profundidade:

Origem do nome

«Muitas dezenas de homens trabalhavam na mina, *no tempo dos mouros*. E as mulheres vinham sempre trazer-lhes o comer — costume que ainda hoje se perpetua, quando trabalham longe do lar.

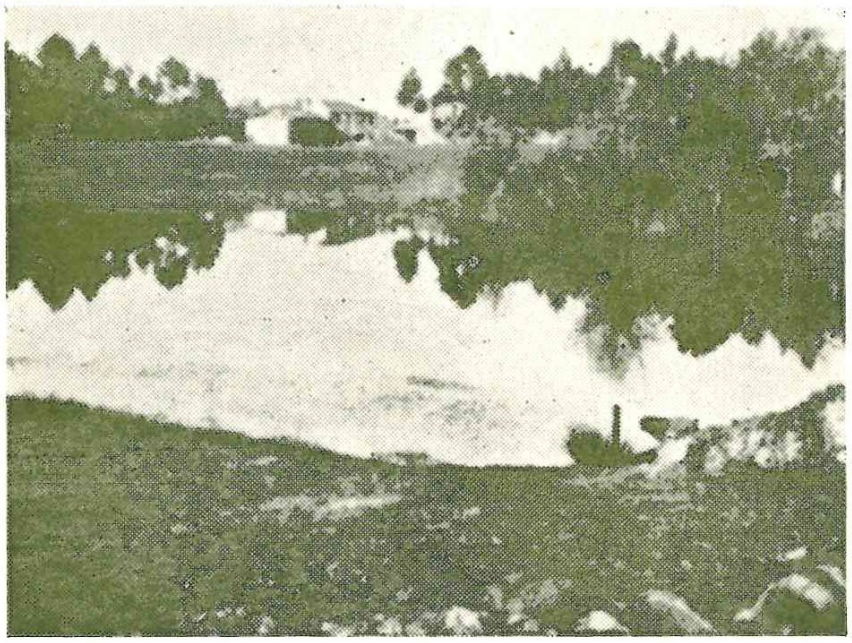
Num dia fatídico, as mulheres foram deparar com a mina soterrada e coberta de água, tendo os seus maridos ficado sepultados para sempre. Em altos berros, fugiram aterradas, gritando:

— Negra! Negra! Negra!

Doravante, a mina passou a chamar-se Lagoa Negra, nome que ainda hoje conserva.»

LAGOA NEGRA

Gravura III



Outro aspecto, vendo-se em último plano parte de um depósito de detritos e a residência dos actuais donatários da Lagoa.

Impossibilidade de esgotar a água

«A Lagoa Negra jamais pode ser esgotada porque possue uma ligação subterrânea com o mar, que a alimenta constantemente de água.»

Profundidade

Outra lenda que ainda circula em regiões distantes, é de que a Lagoa Negra não tem fundo. Nunca ninguém teria atingido ainda o seu fundo. Porém, nas proximidades, não desconhecendo a lenda, reconhecem que a Lagoa tem, afinal, fundo.

Em tempos antigos, a sua profundidade seria tal, que originou esta lenda, que ainda subsiste nas regiões afastadas.

C. M. B.
BIBLIOTECA

Conclusão

O que disse — se contribui de uma maneira decisiva para provar que a Lagoa Negra é uma resultante da acção do homem em luta com o meio, e que ainda é possível determinar as causas que motivaram essa acção, o que é muito pouco — o problema da cronologia, do povo que a explorou e dos materiais que buscavam, permanece envolto em misterioso silêncio.

Apriori, não deixo de expôr aquilo que me parece razoável:

I — É um facto, que a Lagoa Negra foi explorada por alguém, de que não há memória, nem documentação que permita identificar com evidência a época da exploração;

II — É um facto que, entre os povos invasores, os Romanos exploraram com grande amplitude o noroeste peninsular;

III — A análise aos detritos abandonados, o antimónio, xistos, quartzo, e a falta de granito na zona, parecem demonstrar que os metais cobiçados seriam o ouro, a prata e o estanho.

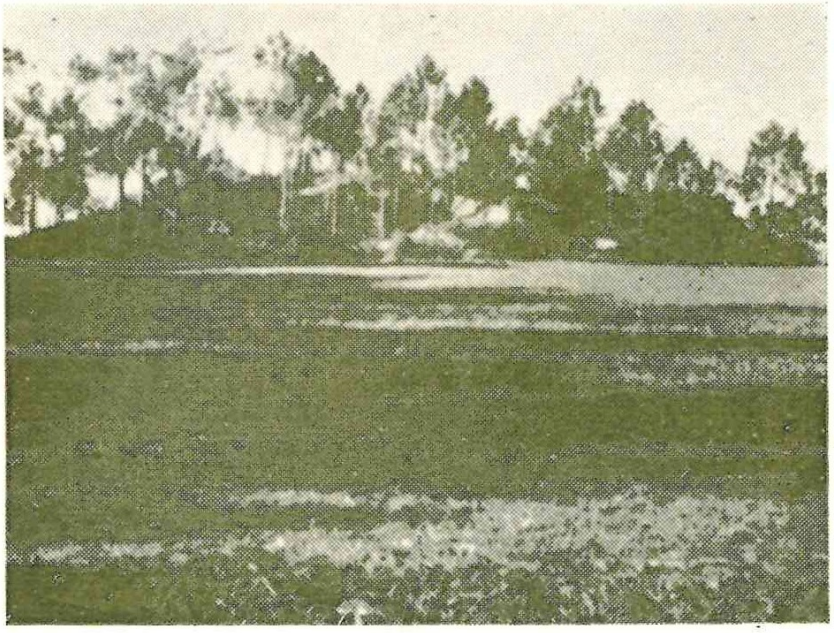
Assim, como hipótese que não procura resolver, mas antes pretende criar problemas, parece-me que a Lagoa Negra foi:

a) Uma exploração mineral dos primeiros séculos da era cristã (século III ou IV);
b) Que foram os Romanos que a exploraram;
c) Que eram o ouro, a prata e o estanho os metais procurados.

Se com estas três hipóteses, obtidas como disse apriori, conseguir criar outros tantos problemas à Arqueologia, terei atingido o objectivo que me norteou, neste modesto trabalho, contribuindo para o completo desanuviamento de tantas sombras que pairam sobre a tão conhecida Lagoa Negra.

LAGOA NEGRA

Gravura IV



A maior acumulação de detritos, entre as múltiplas que circundam a Lagoa pelo lado Norte, com cerca de 100 metros de comprimento, 60 de largura e 6 de altura.

LAGOA NEGRA

Gravura V

Um aspecto dos detritos que manifestam claramente, constituir depósitos extraídos da Lagoa.

BIBLIOGRAFIA

Argote (P.e D. Jerónimo Contador de) — *Memórias para a Hist. Ecl. do Arcebispado de Braga;*

Blache (Vidal de la) — *Princípios de Geografia Humana;*

Carvalho (P.e António de) — *Corografia Portuguesa;*

Cepa (Cónego Martins) — *Monografia de S. Bartolomeu do Mar;*

Girão (Prof. Dr. A. de Amorim) — *Geografia de Portugal*

» » — *Geografia Humana*

» » — *Acção do Homem e Morfologia do Solo;*

Pericot (Luís) — *La España Primitiva.*

NOTA — Para o cálculo de distância e localização de povoações, adoptei as Cartas do Instituto Geográfico e Cadastral.

ÍNDICE

Introdução . . . . . Págs. 5

I

Lagoa Negra — Situação Geográfica . . » 9

II

O que nos diz o passado . . . . . » 13

III

A Lagoa Negra . . . . . » 21

— *Lendas populares* . . . . . » 24

— *Conclusão* . . . . . » 33

Bibliografia . . . . . » 35

GRAVURA I . . . . . » 11

» II . . . . . » 19

» III . . . . . » 25

» IV . . . . . » 31

» V . . . . . » 33

biblioteca
municipal
barcelos
35070
Lagoa Negra